

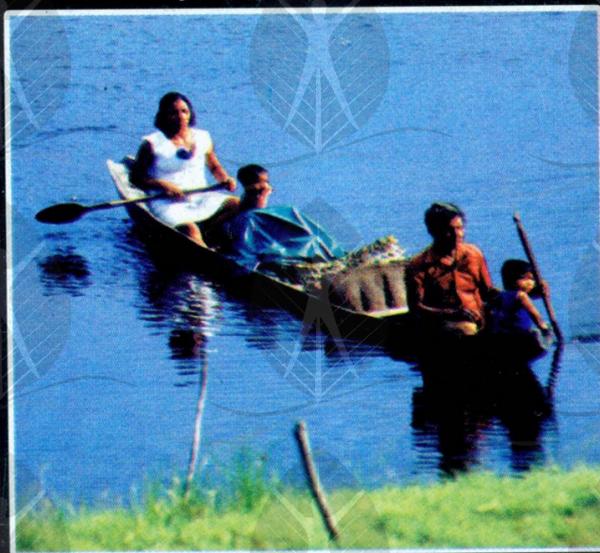


COLEÇÃO
Documentos da
AMAZÔNIA

A Preposição Sua Função Histórica

Adriano Augusto de Araújo Jorge

fac-similado N.º 103



CULTURA



Edições
Governo do Estado

A PREPOSIÇÃO
SUA FUNÇÃO HISTÓRICA



COLEÇÃO
Documentos da
AMAZÔNIA



GOVERNADOR DO AMAZONAS

Amazonino Armando Mendes

VICE-GOVERNADOR DO AMAZONAS

Samuel Assayag Hanan

SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA, TURISMO E DESPORTO

Robério dos Santos Pereira Braga

SECRETÁRIA EXECUTIVA DE ESTADO DA CULTURA, TURISMO E DESPORTO

Vânia Maria Cyrino Barbosa

SECRETÁRIA EXECUTIVA ADJUNTA

Delzinda Ferreira Barcelos

ASSESSOR DE EDIÇÕES

Antônio Auzier Ramos

ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DA CULTURA

Saul Benchimol – Presidente

SEC

Secretaria de Estado da
Cultura, Turismo e Desporto

Av. Sete de Setembro, 1546

69005-141 – Manaus-AM-Brasil

Tels: (92) 633.2850 / 633.3041 / 633.1357

Fax: (92) 233.9973

E-mail: sec@visitamazonas.com.br

www.visitamazonas.com.br

Copyright © 2002 Governo do Estado do Amazonas
Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Antônio Auzier Ramos

CAPA
Vanusa Gadelha / KintawDesign

PROJETO GRÁFICO
KintawDesign

AmM Jorge, Adriano Augusto de Araújo.

F.100

A Preposição: Sua Função Histórica / Adriano Augusto de Araújo Jorge (fac-similado). Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2002.

40 p. Coleção Documentos da Amazônia n.º 102

Raro

ADRIANO AUGUSTO DE ARAÚJO JORGE

A PREPOSIÇÃO
SUA FUNÇÃO HISTÓRICA



COLEÇÃO
Documentos da
AMAZÔNIA

(FAC-SIMILADO)

CULTURA



Edições
Governo do Estado



O programa de Edições do Governo do Estado que vem sendo desenvolvido desde 1997, alcançando resultados crescentes, inclusive com a participação em feiras e bienais internacionais, vem se utilizando também dos meios modernos de tecnologia, como a Biblioteca Virtual do Amazonas e livros digitais.

A Amazônia, e em especial os assuntos amazonenses, ganham proeminência e vão servindo bibliotecas e estantes de estudiosos, suprindo de todos os meios e modos as antigas necessidades que tínhamos.

Tem sido vital a participação da Biblioteca Pública e sua equipe neste empreendimento que a Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto vem cumprindo, de forma incessante.

Amazonino Armando Mendes
Governador do Estado do Amazonas

Apresentação

Adriano Jorge tem sido merecedor, ainda hoje, depois de muitos anos de sua morte, de justas homenagens. Não há discurso na Academia Amazonense de Letras em que não seja citado, referido, reverenciado, seja pelo seu valor intelectual, de cientista e médico, orador e acadêmico, ou mesmo pela condição de primeiro e mais longo período presidencial.

Poucos, entretanto, nos dias que correm, tiveram a oportunidade de ler os seus estudos, artigos e discursos. Os discursos, quase todos feitos de improviso, são sempre referidos pelos mais idosos e que puderam ouvi-los, com doses de grande eloquência. Os artigos de imprensa e as poucas publicações, carecendo de reedição para conhecimento mais amplo.

Há quem dele tenha falado, até com críticas ácidas, sem que tivesse lido seus estudos, sempre tão raros, e lançados na imprensa diária de Manaus, muitos deles, debaixo de pseudônimo.

É o que estamos realizando nesta Coleção *Documentos da Amazônia*, parte das Edições Governo do Estado do Amazonas, trazendo a público, desta feita, *A Preposição: Sua função Histórica*, tese com que se habilitou em concurso para professor da cadeira de Português do Ginásio Amazonense Pedro II, na condição de doutor em Medicina e Farmácia, formado pela Faculdade de Medicina da Bahia. Foi editado pela primeira vez em 1910.

É documento raro. Raríssimo. Precioso pelo conteúdo, pela forma, pela autoria. Era dever do Estado trazer ao conhecimento das gerações de agora os estudos deste que foi um dos grandes professores do seu tempo, mestre adorado pelos alunos e alunas, homem elegante no verbo, no trajar e no tratar, embora e irreverência como médico diante das situações de

gravidade dos pacientes tenha sido também uma marca de sua conduta clínica.

Aprovado no concurso, foi nomeado professor do Ginásio Amazonense Pedro II e fez escola, mas foi na Escola Normal, depois Instituto de Educação do Amazonas, que seu nome ficou gravado ainda mais firmemente na vida educacional do Amazonas.

A ele dediquei um discurso comemorativo do centenário de nascimento na Câmara Municipal de Manaus, outro de inauguração do marco que fiz erguer na praça de Nossa Senhora de Nazaré, na vila Municipal, depois destruído por administrador municipal descompromissado com a história da nossa terra, outro ainda no plenário daquele poder legislativo municipal e, mais tarde, um estudo biográfico surgido de uma conferência proferida na Academia Amazonense de Medicina. Tudo pela admiração que vem de conceito de família fortalecido pela leitura de suas obras, que sei, a grande maioria dos estudiosos da história e a da literatura do Amazonas não puderam fazê-lo pela deficiência de fontes.

Vamos suprimindo estas lacunas, como dever do governo do Estado através da Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto e porque temos consciência de que é preciso e é justo.

Robério dos Santos Pereira Braga
Secretário de Cultura, Turismo e Desporto

ESTADO DO AMAZONAS

A PREPOSIÇÃO

Sua função historica

These de concurso
para o provimento da cadeira de PORTUGUÊS
do Gymnasio Amazonense

APRESENTADA

POR

ADRIANO AUGUSTO DE ARAUJO JORGE

DOUTOR EM MEDICINA, PELA FACULDADE DE MEDICINA E PHARMACIA
DO ESTADO DA BAHIA



MANÁOS

—
TYPOGRAPHIA DA LIVRARIA « PALAIS ROYAL »
de Lino Aguiar & Ca.

1910

A PREPOSIÇÃO

Sua função histórica

I

Méero índice relacional, a *preposição* substitúe, nas linguas *analyticas*, a flexão casual que enfraqueceu ou se obliterou.

Quasi todas as linguas modernas do grupo indo-europeu são *analyticas*; entretanto o *alle-mão* conserva ainda fórmias de declinação e tem quatro casos: — *nominativo*, *genitivo*, *dativo* e *accusativo*.

O *inglez* guarda apenas, como derradeiro vestígio da flexão casual, a fórmula *synthetica* do *possessivo* (genitivo).

O *russo* e, de modo geral, as linguas do ramo slavo, conservam-se ainda hoje *syntheticas*; não têm artigo definido nem indefinido e apresentam tres fórmias de declinação (nomes masculinos, femininos e neutros) que são

de facto seis, porque cada declinação tem uma forma *forte* e uma forma *fraca*. A declinação russa tem sete casos:— *nominativo, genitivo, dativo, accusativo, vocativo, instrumental e preposicional*.

As linguas derivadas do *latim popular, linguas romanas ou romanicas*, como as denominou Littré, ou *linguas novi-latinas*, a cujo dominio pertence o *português*, soffreram todas a transformação *analytica*. O *português* conserva vestigios de declinação apenas nos casos obliquos do pronome pessoal.

Sabe-se que o *analytismo* das linguas modernas obedece a essa tendencia geral do espirito humano para a *especialisação das funcções* em todos os dominios da actividade e do conhecimento.

Exprime, pois, em confronto com o *synthetismo*, um progresso real, que se affirma na maior ductilidade das linguas *analyticas*, na simplificação *morphologica* de suas categorias *nocionaes*, no mais perfeito equilibrio de sua *syntaxe*.

Houve, nesse longo e complicado processo historico — ao mesmo tempo ideologico e *morphico* — de que resultou a obliteração das *desinencias casuaes*, a influença *incontestavel* de um elemento *linguistico*, cuja importancia his-

torica, por isso que é fundamental na formação das linguas *analyticas* em geral e, em particular, das linguas *novi-latinas*, fal-o avultar como um poderoso factor *dynamico* — a *preposição*.

Formada á custa de elementos preexistentes nas linguas em que foi apparecendo, a *preposição* relaciona-se genealogicamente ao *pronome* e ao *adverbio*.

Bopp (1) affirma que as verdadeiras *preposições* pódem ser, com maior ou menor certeza, approximadas a fórmãs pronominaes.

Dentre as categorias invariaveis, porém, a que mais proximamente antecedeu á *preposição* foi o *adverbio*.

O *adverbio* é de facto uma palavra de transição, marcando esse remoto momento historico, em que as necessidades de precisão e clareza da linguagem, tornando-se de dia para dia, mais prementes, por força da maior complexidade das noções adquiridas, compelliram o espirito humano a crear, para a determinação das circumstancias da acção e das modificações da qualidade — imperfeitamente esboçadas pelas desinencias casuaes e

(1) *Grammaire comparée des langues indo-européennes*
— Vol. IV — Pag. 386.

por certas particularidades syntacticas — a primeira categoria indeclinavel.

Surgiu dest'arte o *adverbio*, em cuja estrutura intima facilmente se descobrem os elementos das palavras declinaveis, que foram o material de que a intelligencia aproveitou para a criação da nova modalidade grammatical.

Para a genesis do *adverbio* concorreram elementos de todas as categorias nocionaes: — o substantivo, o adjectivo, o pronome e o verbo.

Por isto, ao revés de sua organização de palavra indeclinavel, elle guardou, em todo o dominio indo-europeu, vestigios flexionaes.

Assim, mesmo hoje, em *portuguez*, alguns *adverbios* assumem as formas do comparativo analytic e do superlativo synthetic e flexionam-se no gráo diminutivo.

Ex.: — *Mais dignamente; Tão claramente; Menos fortemente; Trabalhar muitissimo.*

Conversar baixinho; Morar pertinho; Estudar pouquinho.

Iniciada com a criação do *adverbio*, a formação das particulas relacionaes, a intelligen-

cia humana para logo ampliou a sua fecunda conquista, creando a *preposição*.

Se a primeira categoria indeclinavel é a expressão daquella inadiavel necessidade intellectual da determinação das *circumstancias da acção*, a segunda é a daquell'outra não menos ensofregada e urgente da determinação das *relações vocabulares*.

Esta determinação de *relações* era a função precipua, o papel capital das desinencias casuaes, nas linguas syntheticas.

Havia, porém, relações que não podiam achar expressão precisa e inconfundivel em nenhum dos casos da declinação.

Assim, por exemplo, não havia desinencias que exprimissem *atravéz, com, sobre, em torno*.

A declinação grega com os seus cinco casos (*nominativo, genitivo, dativo, accusativo e vocativo*); a latina com os seus seis casos (os da grega e mais o *ablativo*, que ficou sobrecarregado com a determinação de multipas circumstancias e relações); a sanscritica com os seus oito casos (os da latina e mais o *instrumental* e o *locativo*) eram insufficientes para a expressão de todas as relações vocabulares.

Estas, com effeito, dado o crescente des-

envolvimento intellectual do homem, complicavam-se extremamente, numa imbricação que a mais e mais se emmaranhava, dando á syntaxe das linguas syntheticas complexidades singulares e quasi indestrinçaveis obscuridades.

O *adverbio*, já creado, era por egual deficiente para o exercicio desta funcção de exprimir as relações vocabulares, cuja extensão desmedidamente se ampliava com o progresso humano.

Tornava-se mistér, pois, a criação de uma categoria adstricta a esta funcção especifica.

Esta nova modalidade grammatical, destinada a satisfazer ineluctaveis necessidades de expressão nas linguas syntheticas, desafiando-lhes as angusturas da syntaxe labyrinthica e simplificando-lhes o intrincado das fórmulas, deveria irrecorrivelmente ser indeclinavel, porque, como faz resaltar a analyse psychologica, sendo, no seu inicio, simples instrumento mnemonico, forçoso era que fosse sempre semelhante a si mesma.

E constituiu-se desta sorte a *preposição*.

O *adverbio* formára-se á custa dos elementos já existentes na linguagem; a *preposição* organisou-se por identico processo, mas

derivou principalmente do *adverbio* — categoria que lhe era physiologicamente semelhante.

Vemol-a, por isto, apresentar tambem vestigios de flexão, o que faz pensar numa especie de hereditariedade vocabular.

Ex.:

(Latim) Vestigios de flexão casual:

Abs (gen.) — Apud (abl: e loc.)

Vestigios de flexão gradual:

	Comp.:	Superl.:
In	<i>Inter</i>	<i>Intimus</i>
Ex	<i>Extra</i>	<i>Extremus (Exterimus)</i>
Pro	<i>Proter</i>	<i>Primus</i>
Cum	<i>Contra</i>	—
Sus ⁽¹⁾	<i>Super</i>	<i>Supremus (Superimus)</i>

Ainda mais: vemol-a empregar-se como um verdadeiro *adverbio*, isto é, sem o seu complemento necessario, principalmente em sanscrito, onde as particulas preposicionaes frequentemente vêm isoladas ou prefixadas a verbos e derivados verbaes; em grego, na syntaxe de Homero (na prosa só se emprega adverbialmente a preposição *pros*, nas ex-

(1) Empregada adverbialmente nas expressões: — *Susque deque ferre, susque deque esse* e congeneres.

pressões *kai pros* e *pros de kai*) ⁽¹⁾; em latim, onde diversas *preposições* pódem ser empregadas sem complemento, taes como: — *adversus, ante, circa, citra, clam, coram, extra, infra, juxta, pone, prope, post, propter, subter, super, supra, ultra*.

Nas linguas novi-latinas não é raro o emprego adverbial das *preposições*.

Em *português*, ainda agora, não estão bem delimitadas as duas categorias affins.

Dizem Pacheco da Silva Junior e Lameira de Andrade, em sua excellente *Grammatica da Lingua Portugueza*:

“ Muitas preposições, como já vimos, derivam-se de antigos adverbios ou são preposições e adverbios conforme a circumstancia é expressa só pela particula (adverbio) ou pela particula seguida de complemento (preposição). As relações entre estas partes do discurso são tão intimas, que a distincção entre ellas não está na *significação*, mas no diverso valor syntactico com que indicam a mesma circumstancia de logar, origem ou causa, tendencia ou apartamento “. (Pag. 162).

Embora mais recente que o *adverbio*, a

(1) RIEMANN E GOELTZER — *Gramaire comparée du grec et du latin* — Vol. II — Pag. 815.

preposição coexistiu, mesmo nas linguas mais fortemente syntheticas, com os outros elementos linguisticos.

Não foi, mesmo nas épocas remotas do inicio de sua existencia como palavra autonoma, um simples instrumento da linguagem popular; aristocratisou-se cedo e cedo recebeu a consagração litteraria.

Encontramol-a nos poemas sanscriticos, no Avesta, na poesia dos rhapsodos do cyclo homerico e nos mais bellos documentos litterarios do latim classico.

No sanscrito, no Zend e no grego homerico, a *preposição* exercia, na maioria dos casos, uma funcção adverbial ou se agglutinava aos verbos. A estas preposições prefixadas a verbo, A. Meillet ⁽¹⁾ chama *preverbos*.

No grego e no latim classicos, porém, já a *preposição* está funcionalmente diferenciada.

Poderá ainda empregar-se adverbialmente, mas será sempre em virtude dessa malleabilidade funcional e semantica, que os vocabulos apresentam e que os faz passar de uma a outra categoria grammatical com relativa facilidade.

⁽¹⁾ *Introduction à l'étude comparative des langues indo-européennes.*

Vejam os quaes eram as preposições mais importantes nas principaes linguas syntheticas do grupo indo-europeu.

Sanscrito:— *Ati, proti, anu, apa, api, abhi, ava, upari, ut, prati, antar, anti, paçcat* e ainda o grupo das que derivam do thema pronominal — *sa* —, todas as quaes têm a significação de *com*:— *saha, sam, sa, sakam, samam e sardam*, além de outras.

Algumas destas preposições não têm congeneres nas outras linguas indo-européas.

Zend:— *Aiti, aibi, aiwi, uiti, us, upara, paiti, para, pairi, mad, tarô*, etc.

Grego:— *Anti, apo, ex, pro, eu, syn, ana, eis, es, os, dia, kata, meta, hyper, amphi, epi, para, peri, pros, hypo, proti, entos*, etc.

Latim:— *Ad, ab, ante, adversus, apud, circa, ob, per, pro, extra, infra, juxta, sub, super, circiter, post, contra, in, ex, ultra, inter, propter, de, e, cum*, etc.

No *russo* e linguas do ramo slavo, apesar dos sete casos de sua declinação, as preposições existem em grande abundancia.

As preposições portugêsas, como as de todas as linguas do dominio romanico, derivam directamente de preposições latinas simples ou resultam da fusão de preposições, processo que nos veio por intermedio do latim popular e que existe tambem no *inglez*.

Ex.:— *Upon* = *Up* + *on*, *Into* = *In* + *to*,
Within = *With* + *in*, *Without* = *With* + *out*.

Ha, além destas as que se formaram de palavras já existentes no proprio portugês.

Preposições simples derivadas de preposições latinas simples:

A — Do latim *ad*, que deu em italiano *a ad*; em espanhol *a*; em francez *à*; em provençal *a az*; em valachio *a*.

(Note-se que, no latim das formulas tabelliôas da idade média, já se encontra *ad* reduzido a *a*: — *quem a nostro libertato dedimus* (1).

ANTE, ANTES — Do latim *ante*, que deu ital: *anzi*; em esp: *ante* e *antes*.

(Nas outras linguas romanicas, as preposições correspondentes for-

(1) F. DIEZ — *Grammaire des langues romanes* — Vol. II — Pag. 448.

maram-se pela aglutinação a *ante* de outra partícula preposicional. Assim, o francez tem *avant*, *devant* e *auparavant*; o prov.: tem *abans* e *davan*; o val.: tem *inainte* e *dinainte*. O port.: o ital.: e o esp.: possuem também fórmulas semelhantes:—port.: *avante*, *deante*, *adeante*, *perante*; esp.: *abante*, *delante*; ital.: *innanzi*, *dinanzi*.)

COM—Do latim *cum*, que deu em ital.: e esp.: *con*; em prov.: *com*; em val.: *cu*. O fr.: não tem preposição derivada de *cum*.

(Em inscrições latinas já se encontra *cum* transformado em *cun* e *con*.)

CONTRA—Do latim *contra*, que deu em ital.: *contra* e *contro*; em esp.: *contra*; em fr.: *contre*; em val.: *cetre*.

DE—Do latim *de*, que se conservou em todas as línguas novi-latinas. O ital.: moderno tem *di*, o velho ital.: porém, tinha *de*.

(A forma *de* já no latim popular suplantára *e*, *ex*, *es*, *ab*.)

EM—Do latim *in*, que deu em ital.: *in*; em esp.: *en*; em fr.: *en*; em prov.: *en*; em val.: *in*.

POR. — Das fórmulas latinas *per* e *pro*, a primeira das quaes se conservou em ital.; esp.: e fr.: e port.: antigos; prov.: antigo e moderno. O fr.: moderno tem *par* e o val.: tem *pre*.

SEM. — Do latim *sine*, que deu em ital.: *senza*; em esp.: *sin*; em fr.: *sans*; em prov.: *senes*.

SOB. — Do latim *sub*, que deu em esp.: e port.: archaico *so*.

(Esta particula foi no latim popular, supplantada por *subtus*, que deu em ital.: *sotto*; em port.: archaico *soto*, que ainda hoje se encontra em certas palavras compostas; em fr.: *sous*; em prov.: *sotz*; em val.: *subt*.)

SOBRE — Do latim *super*, que deu em ital.: antigo *sor* e em moderno *su*; em esp.: e prov.: *sobre*; em fr.: *sur*.

(O prov.: tem ainda a fórmula *sus* que talvez derive, com *su* ital., do latim *sursum*.)

Preposições resultantes da aglutinação de particulas latinas:

AVANTE . . . — De *ab + ante*

ADEANTE. . . — De *ad + de + ante*

ACERCA . . . — De *ad + circa*

ATRÁS — De *ad + trans*

ATÉ.—De *ad* + *tenuis* (fórmula antiga *atem*).
(Para a etymologia de *até* foi lembrado o arabe *hatta*, com o fundamento sério de que o port.: arch.: teve as fórmulas *atá* e *fasta* e o esp.: teve *fasta*, de que a fórmula actual *hasta* claramente provém.)

APÓS—De *ad* + *post*

DEANTE—De *de* + *ante*

DENTRO—De *de* + *intro*.

(Talvez de *ad* + *intro*; compare-se o esp.: *adentro*.)

DEPOIS—De *de* + *post*

DÊS.—De *de* + *ex*

DESDE—De *de* + *ex* + *de*

PARA—De *per* + *ad*

(Compare-se a fórmula antiga *pera*.)

PERANTE.—De *per* + *ante*.

Ainda sobrevivem em português diversas preposições latinas, que quasi sómente são empregadas como prefixos, no processo da composição.

As principaes são:—*a*, *ab*, *abs*, *ad*, *ante*, *circum*, *inter*, *extra*, *es*, *in*, *intro*, *ob*, *obs*, *per*, *præ*, *pro*, *re*, *retro*, *sub*, *super*, *trans*, *ultra*.

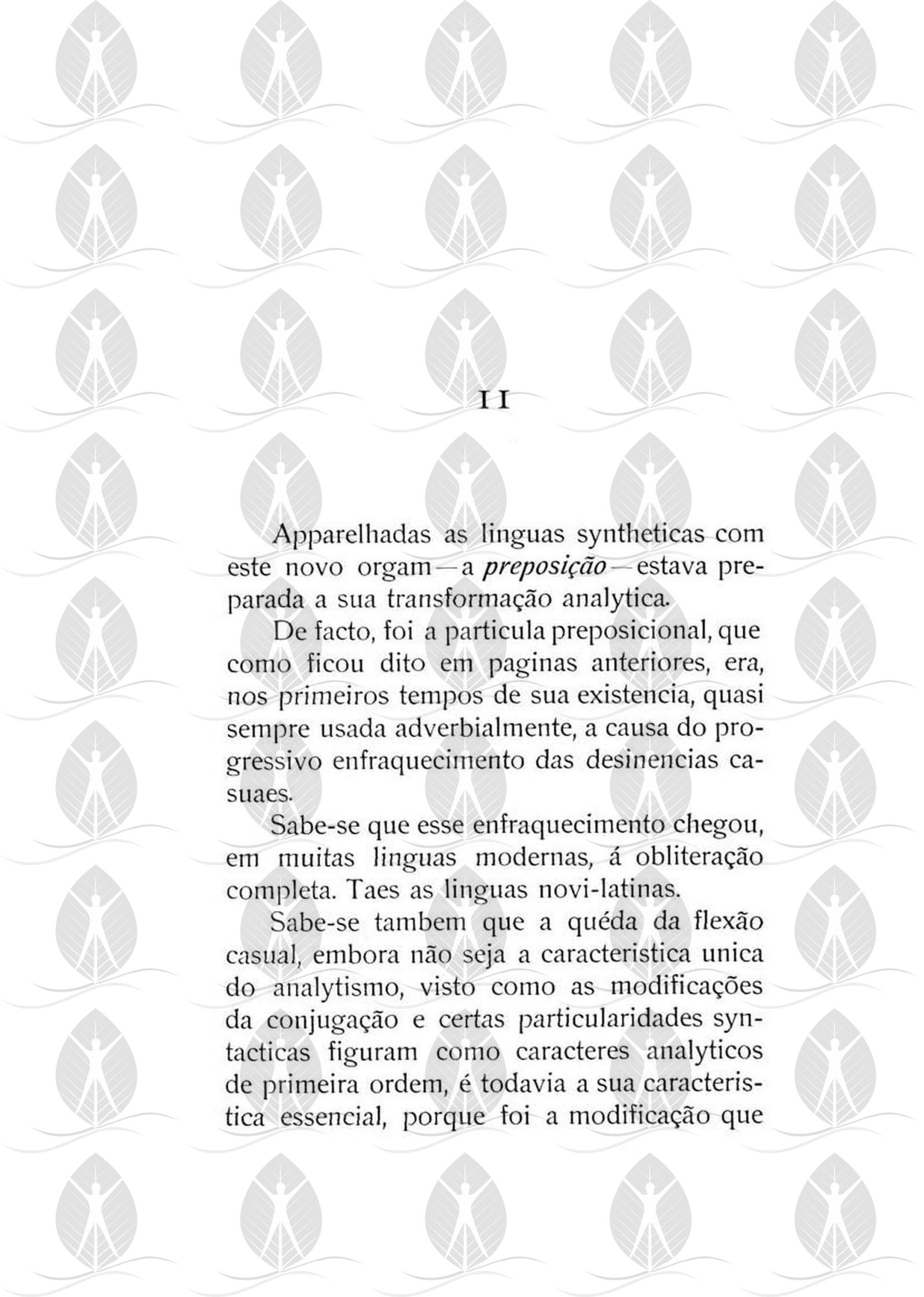
São formadas de palavras que já faziam parte do patrimonio da língua—substantivos, adjectivos, participios passados, fórmulas antigas do part: presente em *ante*, *ente*, *inte*, etc.—

e que, por um processo psychologico especial, foram despojadas de suas faculdades flexionaes, petrificando-se em particulas invariaveis, as seguintes preposições:—*apezar, excepto, salvo, junto, tocante, referente, mediante, durante, concernente*, etc.

Todas as locuções prepositivas são igualmente formadas de palavras já existentes:—*por causa de, em virtude de, deante de, em face de*, etc.

Cumpra observar que a *preposição* com o seu complemento necessario equivale ao *adverbio*:— Ex.: *Com calma = calmamente*.

O *adverbio* exprime a circumstancia, syntheticamente; a *preposição* exprime-a, analyticamente.



II

Apparelhadas as linguas syntheticas com este novo organ — a *preposição* — estava preparada a sua transformação *analytica*.

De facto, foi a particula preposicional, que como ficou dito em paginas anteriores, era, nos primeiros tempos de sua existencia, quasi sempre usada adverbialmente, a causa do progressivo enfraquecimento das desinencias casuaes.

Sabe-se que esse enfraquecimento chegou, em muitas linguas modernas, á obliteração completa. Taes as linguas novi-latinas.

Sabe-se tambem que a quéda da flexão casual, embora não seja a caracteristica unica do *analytismo*, visto como as modificações da conjugação e certas particularidades syntacticas figuram como caracteres *analyticos* de primeira ordem, é todavia a sua caracteristica essencial, porque foi a modificação que

mais profundamente attingiu a estrutura íntima das linguas syntheticas.

D'aqui se infere a capital função histórica da *preposição*.

Cabe-lhe a maior, senão toda a responsabilidade desse processo psychologico de que decorreu a obliteração, quasi sempre, e sempre o enfraquecimento das desinencias casuaes; cabe-lhe consequentemente uma primacial influencia dynamica na transformação analytica das linguas de flexão.

Chamada a satisfazer necessidades de expressão para as quaes eram insufficientes as desinencias casuaes; creada em pleno desenvolvimento litterario das linguas syntheticas; existente no sanscrito classico, no zend, no grego, no latim, onde era inicialmente empregada como *adverbio*, isto é, sem um complemento necessario, sem um caso obliquo a que regesse ou com que se construísse, a *preposição* foi apparecendo, a pouco e pouco, empregada com os casos da declinação.

Delineava-se desta sorte a sua verdadeira função grammatical. No primeiro dia em que uma *preposição* se construiu com um caso, realisou-se o primeiro passo para a sua differenciação em categoria especifica, porque, nesse momento, começou ella a extremar-se

do *adverbio*, com o qual, no entanto, mantém ainda hoje afinidades funcionaes.

Na linguagem popular, onde sem sombra de duvida foi creada, a *preposição* rapidamente adquiriu todo o seu valor dynamico.

Empregando-a quotidianamente, urgido pela necessidade da determinação de circumstancias e relações inexprimiveis pelos recursos da flexão casual, e usando-a já como verdadeira *preposição*, isto é, regendo casos da declinação, o povo habituou-se, por força desse vulgarissimo phenomeno de automatismo cerebral, de subconsciencia, que preside ás associações de ideias, a consideral-a, não simplesmente como expoente circumstantial, senão como a verdadeira razão de ser, como a causa principal dos casos.

Vemos assim, em latim por exemplo, construcções pleonasticas do accusativo com *ad* e *in* e do ablativo com *ab* e *abs*, que são o corpo de delicto da enorme importancia que a *preposição* assumira, a ponto de impor-se ao espirito mesmo quando era logicamente desnecessaria.

A intelligencia conferira á *preposição* uma *força transitiva*.

Desde esse momento, estava definitivamente ameaçada a flexão casual.

Houve mesmo, em leve esboço, uma tendência a transferir a *preposição*, empregando-a pospositivamente.

Em latim, foi frequente o emprego positivo de *in, ad, per, cum*, como attestam as fórmulas *mecum, tecum, secum, nobiscum, vobiscum, quibuscum, paulisper, quoad*, nas quaes a particula se agglutinava ao caso regimen, além de outras, como *tenus*, por exemplo, que, quasi sempre empregada pospositivamente, não se agglutinava nunca.

E' claro que, se taes construcções subsistissem em latim, a particula prepositiva, tornada pospositiva, longe de concorrer para a transformação *analytica* das linguas flexivas, originaria um processo flexional ainda mais complicadamente *synthetic*, em que as desinencias casuaes seriam innumeradas e as declinações seriam um labirinto.

O latim não se teria dissolvido nas linguas romanicas; o portuguez, como as outras linguas novi-latinas, não existiria.

— Entre os linguistas e philologos que, desde os primeiros tempos da sciencia da linguagem, buscaram estabelecer e firmar uma *theoria da flexão*, nas linguas indo-européas, um houve que propoz, como explicação daquelle phenomeno, a adjuncção de *preposições* ás raises nominaes. Foi Pott.

Sabe-se que o phenomeno da flexão tem tido, até agora, uma triplice exegese: — a theoria da *evolução* ou das *mutações internas* de Schlegel, a da *agglutinação* de Bopp e a da *adaptação* de Ludwig.

Schlegel declarava a flexão uma consequencia exclusiva de alterações internas, de modificações organicas realizadas na parte substancial, na raiz.

Por este processo unico, tentava elle explicar o phenomeno da flexão em toda a sua complexidade, não admittindo a minima intervenção agglutinativa.

Para elle, a adjuncção de particulas á raiz é uma característica das linguas de typo agglutinante, que não das flexionaes do grupo indo-europeu.

Bopp, que, nisto como em muitas outras coisas, lhe seguira as pegadas, admittindo, porém, que as raizes podiam incorporar a raiz verbal *as*, que entrava em todas as fórmias do verbo, reconheceu em breve que a concepção schlegeliana era insufficientissima.

Foi então que creou a theoria da *agglutinação*, pela qual estabelecia a existencia de duas especies de raizes: as verbaes, de que derivam os verbos e os nomes, e as pronominaes, de que derivam os pronomes, os ad-

verbios, as preposições e as conjunções; as desinencias características das flexões verbaes e das casuaes resultam da agglutinação de raizes pronominaes ás fórmias nominaes e verbaes.

E' na theoria de Bopp que deve ser incluída, como uma variante, a concepção de Pott.

Como já ficou dito, Pott admittia a agglutinação de *preposições*, em vez das raizes pronominaes de Bopp, argumentando principalmente com a existencia no sanscrito de fórmias taes como: *sunubhis* = *sunu* + *bhi* + s (1).

A terceira theoria, a da *adaptação*, comquanto não muito nova, parece ainda insufficientemente conhecida. (Giacomo di Gregorio no seu *Manuale della scienza del linguaggio* ainda não a regista.) E', no entanto, aquella que, por sua amplitude, suas consequencias e sua documentação, vai sendo aceita pelos modernos glottologos.

Consiste em approximar o processo flexional das linguas indo-européas do das linguas semiticas.

Os casos do nome semitico se differenciaram por meio de particulas desinenciaes ou

(1) *S. Reinach – Manuel de Philologie Classique – Volume II – Pag. 177 – Not. 2.*

suffixos de derivação, primitivamente sem significação alguma ⁽¹⁾.

O mesmo facto se deu lingua indo-européa primitiva.

Diz G. Meyer, que Salomon Reinach e Sayce citam, que a lingua aryana primitiva continha uma variedade immensa de fórmulas entre as quaes nenhuma differença de sentido existia, ao menos susceptível de ser apprehendida pela analyse dos glottologos actuaes, fórmulas cuja differenciação, que a principio devia ser feita pela entonação da voz e pelo gesto, se foi gradualmente estabelecendo por meio de desinencias insignificativas, de *suffixos de derivação*, á medida que se desenvolvia na intelligencia humana a capacidade *classificadora*.

E', em ultima analyse, o que expoz Bergaigne no seu artigo *Du rôle de la derivation dans la declinaison indo-européenne* nas *Mémoires de la Société de linguistique de Paris* (tom. II — Fasc. I) conforme citação de A. H. Sayce.

Esse processo de *derivação*, vê-se bem,

(1) A. H. Sayce — *Principes de philologie comparée* — Trad. fr. de Ernest Jovy — Pag 279 — S. Reinach — Obr. cit. — Pag. cit.

é uma fôrma de *adaptação*, que exclue as idéias de Bopp e Pott.

Ponto de controversias ainda calorosas, a *theoria da adaptação* foi adoptada pelos neo-grammaticos, que, como é do conhecimento dos que se interessam pelas coisas de linguística, andam de mais em mais arredios das idéias que principalmente Bopp e Schleicher propagaram e defenderam.

Não cabem aqui ao menos rapidas nótulas sobre essa discussão scientifica.

Baste-nos dizer que as conclusões dos neo-grammaticos, em muitos pontos essenciaes absolutamente inconciliaveis com as idéias boppianas, não decorrem apenas do estudo das linguas indo-européas, que tal é a pécha principal da obra de Bopp.

Brugman, Osthoff, Meyer, de Saussure, os mais conspicuos representantes da nova escôla, dirigem suas pesquisas sobre todas as linguas humanas, desde as semiticas até as diversas linguas do grupo *bantu* e os curiosissimos dialectos do grupo *hottentote* — *boschiman*.

Cumpre notar que espiritos superiores pela acuidade e pela cultura, tal o de Michel Bréal, guardam convictamente uma fidelidade até hoje inabalada ás idéias de Bopp, no que diz respeito á *theoria agglutinativa* da flexão.

Seja como fôr, o que é incontestavel é a extrema importancia da particula prepositiva nas linguas indo-européas, importancia que chegou a impressionar um linguista da estatura de Augusto Frederico Pott—o auctor das *Récherches étymologiques sur le domaine des langues indo-germaniques*—a ponto de pretender elle modificar a theoria agglutinativa da flexão, no sentido de conferir áquella particula o mesmo valor que Bopp dava ás raizes pronominaes!

Comprehende-se facilmente o processo intimo que se desenvolveu na mentalidade popular, após o advento da *preposição* e cujo resultado inevitavel foi a quéda das desinencias casuaes.

A *preguiça humana*, como denominou Sayce, com profunda verdade e rara energia, esse phenomeno psychologico expresso pela *lei da menor acção*, actuando sobre os factos da linguagem, deixaria forçosamente que se obliterassem as desinencias caracteristicas dos casos, já então desnecessarias.

Se as *preposições*, que rapidamente avultaram em numero, proliferando numa floração abundantissima, exprimiam com perfeita

precisão e admirável segurança todas as circunstâncias e relações, que proveito poderia advir ao espirito do aturado esforço da conservação da flexão casual?

A criação das *preposições*, se era um engravecimento da complexidade grammatical com o enxertar-lhe uma categoria nova, era de facto uma atenuação do trabalho mental.

D'ahi, a victoria da *preposição* na sua concurrencia com a flexão casual.

Testemunho de Paul Regnaud (1).

“Il importe d'ajouter que les prépositions, en s'emparant des fonctions des cas régimes et en rendant inutiles les désinences qui caractérisent leur rôle casuel, ont préparé la perte de celles-ci et facilité par là la transition de la syntaxe synthétique des langues à flexion à la syntaxe analytique de celles où les formes déclinées ont disparus.”

Quando a disciplina grammatical começou a influir sobre a linguagem popular, as diversas *preposições* foram distribuidas, segundo um criterio que outro não foi senão o proprio uso vulgar, por differentes casos da declinação.

(1) *Grammaire comparée du grec et du latin* — Vol. II —
Pag. 227.

Assim, havia *preposições* que só se construam com o *accusativo*, outras com o *ablativo*, outras com o *dativo* etc., e algumas com mais de um caso.

O primeiro symptoma da decadencia da flexão casual foi a incertesa no emprego dos casos com que determinadas preposições se construam; foi a insanavel confusão que, vinda do fallar do povo, se estabeleceu invasivamente no proprio latim litterario.

Lê-se em Michel Bréal ⁽¹⁾: — “ Dans son livre sur le *Latin de Grégoire de Tours*, M. Max Bonnet fait observer que Grégoire se trompe sur l'emploi des cas quand ils sont précédés d'une préposition. Ce n'est pas qu'il ne connaisse la déclinaison latine et qu'il ne sache la valeur de chaque cas. Mais quand il emploie l'une des prépositions *cum, de, ad, per, in, sub*, il lui est indifférent d'employer l'accusatif ou l'ablatif. Ce n'est donc point par ignorance, par usure des formes, par impossibilité de s'entendre, qu'on a eu recours, en désespoir de cause, une fois la déclinaison tombée en ruines, à un autre moyen de représenter les mêmes idées.

Non; c'est au sommet de la hiérarchie ro-

(1) *Essai de sémantique* — Pag. 21.

maine que nous en trouvons, dans le plus beau moment de la littérature, les premiers exemples.”

De então por deante, estavam irremissivelmente condemnadas as desinencias casuaes.

E vieram, com effeito, a pouco e pouco, enfraquecendo, através do latim da idade-média, até chegarem á completa obliteração, nas linguas novi-latinas.

A *preposição* foi incontestavelmente a razão dessa decadencia e foi uma das principais causas historicas da formação das linguas analyticas,



PROPOSIÇÕES

Lingua portuguesa

O comparativo, em português, forma-se em geral analiticamente.

As poucas formas syntheticas do comparativo, que ainda remanescem em português, conservam todas a desinencia latina *ior*.

Em latim classico, já existiam as formas periphrasticas do comparativo construidas com as particulas *magis* (port. : *mais* esp. : *mas*) e *plus* (fr. : *plus* e ital. : *piú*).

Litteratura nacional

Não ha, no Brasil, uma litteratura original, verdadeiramente brasileira; as correntes litterarias em nosso paiz têm obedecido sempre a influxos estrangeiros.

A Escola Bahiana representa, no entanto, um momento historico e litterario em que se esboçaram, com certa intensidade, os caracteres mais firmes da mentalidade brasileira, com o expandir de todos os fortes predicados das raças mestiças.

Gregorio de Mattos — o satyrico extraordinario — em cujas produções ha o sabor da ironia á Gil Vicente, é o mais poderoso representante daquelle momento litterario.



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA